

Manuelzão diz como vai votar

Belo Horizonte — Aarão Octaviani

Vaqueiro matuto de Grande Sertão não confia em político

Fernando Lacerda

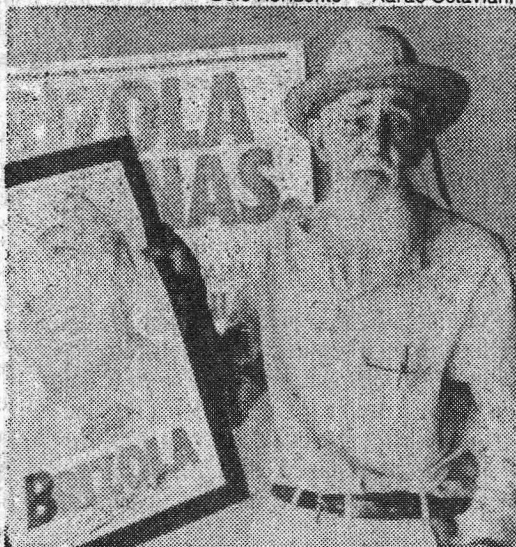
BELO HORIZONTE — “Perco meu voto no pior candidato para que ele fique com vergonha de ser ruim e possa fazer alguma coisa boa”. Com este raciocínio simples, o vaqueiro Manoel Nardy, o Manuelzão, personagem do livro *Manuelzão e Miguilim* e amigo do autor, João Guimarães Rosa, explica sua decisão de apoiar a candidatura à Presidência da República do ex-governador do Rio, Leonel Brizola (PDT). “Como em todos os lugares o Brizola é o mais criticado resolvi votar nele”, justifica Manuelzão, deixando escapar um sorriso matreiro. O vaqueiro e o presidenciável se encontram hoje, durante visita de Brizola à capital mineira.

Conhecer pessoalmente Brizola é um sonho antigo deste matuto mineiro, que ficou nacionalmente conhecido através da série *Grande Sertão: Veredas*, exibida pela Rede Globo há quatro anos. Manuelzão, figura bíblica realçada pela barba branca até o peito, aparecia na abertura da série como testemunho vivo dos fatos ali narrados. Nessa época, o vaqueiro foi levado ao Rio pelo diretor Wálter Avancini para conhecer o então governador Brizola. Não teve sorte. Brizola estava viajando e o desejo só será concretizado hoje.

Vassourinha — Lúcido aos 85 anos — ele insiste em dizer que são 170, sob a alegação de que conta o dia e a noite —, Manuelzão mora com a esposa Diralda no pequeno povoado de Andrequicé, distrito de Três Marias, às margens da rodovia Belo Horizonte-Brasília. Passando os dias em prosa com amigos e visitantes que chegam de outros lugares de Minas Gerais, do Rio e de São Paulo para conhecê-lo, Manuelzão não garante muitos votos para Brizola. “Se ele tiver só um voto em Andrequicé será o meu”, garantiu.

Nas últimas eleições presidenciais realizadas no Brasil, em 1960, Manuelzão votou em Jânio Quadros. Ele confessa até hoje uma certa admiração por ele, mas não pensa em repetir o voto. “Não voto numa pessoa que andou para trás. Foi presidente e depois voltou para ser prefeito”, raciocina, antes de arrematar: “Aquele vassourinha era para varrer gente ruim, mas acho que varreram foi ele”.

Fazendo questão de frisar que não entende nada de política, nem confia em políticos, Manuelzão demonstra com seu linguajar simples que acompanha o assunto. Não gosta de Ulysses Guimarães, candidato do PMDB. “Se o Ulysses ganhar pode consumir o resto do Brasil que ele já está acabado”, garante o vaqueiro. “Velho pra mim só no bodoque”. Sua antipatia com



Manuelzão vai ver Brizola hoje

relação a Ulysses é tão grande que ele o culpa pelo fracasso do Governo José Sarney. “Quem mais governou foi o Ulysses”, acredita.

O fenômeno Collor de Mello também não impressiona Manuelzão. Personalidade forte, ele não fugiu de uma discussão há três dias, na cidade de Cordisburgo — terra de Guimarães Rosa — contra um ferrenho defensor do candidato do PRN. Manuelzão não crê no sucesso de Collor: “Não acredito muito em político por conta do meu compadre João Herculino (ex-prefeito de Sete Lagoas e deputado federal). Tudo que ele promete pode jogar abaixo que ele não cumpre”, disse. Herculino é genro do fazendeiro Chico Moreira, primo de Guimarães Rosa, com quem Manuelzão trabalhou 16 anos e que o apresentou ao escritor.

Pinga — Guimarães Rosa conheceu Manuelzão em 1952, ao fazer sua histórica viagem pelo sertão mineiro, conduzindo com 10 vaqueiros uma boiada da Fazenda da Sirga, na barra do rio de Janeiro, afluente do São Francisco, até Araçai, perto de Cordisburgo. “Até hoje sinto falta dele. Era uma pessoa que tratava todo mundo da mesma forma. Acho que ele ficou mais famoso depois que morreu”, avalia.

Além dos 10 dias de viagem, Rosa passou mais 35 em companhia de Manuelzão. Ouviu sua história e participou da festa que o vaqueiro realizou na Fazenda das Pedras, em Três Marias, para inaugurar a capela que mandara construir ao lado do túmulo de sua mãe. A festa está retratada “fielmente”, segundo ele, na novela “Uma estória de amor”. Amansador de cavalo bravo, Manuelzão parou de fumar há três anos quando teve problema sério de úlcera. Continua bebendo a sua pinga e lamenta apenas a destruição do seu sertão. “Está tudo tomado pelo reflorestamento”, diz.